Exmo Sr. Dyogo Henrique de Oliveira, Secretário Adjunto do Ministério da Fazenda, demais membros do Colegiado, Otavio Yazbek, Luciana Dias, Roberto Tadeu Fernandes e Ana Novaes, senhores ex-Presidentes e ex-Diretores dessa Comissão de Valores Mobiliários, senhores Presidentes e representantes das diversas entidades de classe, senhores Superintendentes desta casa, colaboradores da CVM, senhoras e senhores, amigos aqui presentes.

Sou apresentado formalmente hoje como o décimo oitavo presidente da CVM com a confiança de que em conjunto com as diversas áreas técnicas dessa casa e com o seu Colegiado continuaremos a trabalhar na consolidação e evolução do mercado de capitais brasileiro.

Agradeço a confiança depositada em mim pela Exma Sra. Presidente da República, Dilma Rousseff e pelo Exmo Sr. Ministro da Fazenda, Guido Mantega.

Fico contente de estar fazendo isso no dia em que a CVM está celebrando seu trigésimo sexto aniversário. Como participante ativo desse mercado, sempre olhei para a CVM com muito respeito. Não um respeito de quem vê a CVM apenas no seu papel de reguladora. Mas respeito porque em todas as interações que tive com essa casa, tanto com as diversas áreas técnicas quanto com os diferentes colegiados, sempre encontrei pessoas muito qualificadas e preocupadas em fazer as coisas certas. E nesse primeiro mês, ao me envolver com casos concretos, esse respeito, só aumentou.

Olhando especificamente para os meus antecessores na cadeira, vejo claramente uma linha mestra de continuidade. Essa linha de continuidade nas coisas fundamentais e estruturais, desenhada aos poucos por cada um deles, resultou no conjunto, em uma trilha clara e bem delineada. E essa trilha mostra um conjunto de ações que assegurou o aperfeiçoamento da consciência do que é o papel do regulador, levando a uma constante evolução nas decisões e orientações da CVM.

De fato, quando olhamos com uma perspectiva histórica, vemos como essa casa evoluiu durante os seus 36 anos de existência. Essa continuidade trouxe e vai continuar a trazer duas coisas claras: **estabilidade e confiança**. Esses fatores são fundamentais para garantir que a CVM cumpra a sua missão primeira, que é a de desenvolver o mercado de capitais, mas sempre zelando pela sua segurança e qualidade. Dentro dessa missão, a evolução deve ser sempre perseguida, porém de forma consistente, para que as mudanças possam ser claras, bem entendidas e tratadas e absorvidas com naturalidade.

Essa linha de continuidade traçada por meus antecessores permite que um novo presidente não tenha que pensar em mudanças de rumo; faz com que o foco seja em manter a direção, promovendo ajustes finos e estando atento às novas demandas do mercado, que certamente vão exigir rapidez de entendimento e resposta.

O mundo está cada vez evoluindo mais rapidamente. E essa evolução vem sendo dirigida por uma mudança sem precedentes na maneira como as pessoas se comunicam e lidam com a informação. E as

relações de governança entre as pessoas, em todos os ambientes e mercados, tem que acompanhar essas mudanças e até muitas vezes antecipá-las.

Para o regulador, essa estabilidade que mencionei é um valor que tem que ser preservado. Em um ambiente estável, fica mais seguro refletir e discutir as novas questões que estão surgindo e que ainda surgirão nos mercados e permite sentir confiança em trazer novas perspectivas para entender, avaliar e regular sobre esses pontos. É essa estabilidade que vai possibilitar que melhoras incrementais possam ser implementadas a essa linha de continuidade desenhada por meus antecessores. Trazer novas perspectivas e poder discutir novas ideias só fica possível quando temos estabilidade e uma CVM com estruturas sólidas, como é o caso.

O que me motivou a aceitar esse desafio foi poder desenhar mais alguns metros e estender essa linha de continuidade e fazer com que a construção de ideias e ações continue a evoluir de forma consistente.

As pessoas que me conhecem sabem que, como corredor de longas distâncias, acredito nas jornadas longas e que são alcançadas não necessariamente com passadas bruscas e rápidas, mas através de passadas contínuas e firmes.

Naturalmente tenho perspectivas e prioridades que refletem o momento atual do Brasil e do seu papel no mundo e o seu mercado de capitais. E aqui vou ser um pouco mais específico sobre **cinco pontos**:

Em **primeiro lugar**, precisamos continuar apoiando o DESENVOLVIMENTO DO MERCADO. A economia brasileira chegou a um nível de maturidade e sofisticação no qual precisamos ter um mercado de capitais que se apresente como uma alternativa viável para o financiamento as companhias brasileiras e como uma alternativa segura de investimento para a poupança nacional.

Sobre esse ponto, me dá conforto estar chegando à CVM em um momento onde já existe uma discussão concreta sobre como permitir que empresas de menor porte acessem o mercado de capitais. Acredito que a recente criação de um grupo técnico multidisciplinar para analisar iniciativas que busquem viabilizar a realização de ofertas menores deve ser apoiada por todos.

O desenvolvimento do mercado requer a manutenção de um ambiente seguro de investimentos e o constante aprimoramento das práticas de GOVERNANÇA CORPORATIVA. É claro para mim, após ter passado mais de vinte anos falando com investidores dos mais variados tipos, que esses não só valorizam as boas práticas de governança corporativa, mas que cada vez mais vão priorizar o aprimoramento dessas práticas.

Me lembro bem quando no início da década passada, discutíamos a questão do Novo Mercado. Parecia um lugar distante e difícil de ser atingido. Após esses dez anos, vemos que o Novo Mercado se tornou a principal plataforma para as companhias que vão ao mercado captar recursos.

Creio que o mercado precisa continuar a discutir a evolução dos níveis diferenciados de governança corporativa, não só para facilitar a criação de um ambiente apropriado para as captações por empresas menores como também para garantir que o Novo Mercado continue merecendo esse nome nos próximos 10 anos.

O **segundo ponto** que gostaria de abordar refere-se à GESTÃO DE RISCOS pelos participantes do mercado de capitais. A recente crise dos derivativos deixou clara a relevância do tema. Precisamos ter certeza que os participantes do mercado estão entendendo corretamente os níveis de risco a que estão expostos e ter certeza que tais riscos estão sendo gerenciados de forma adequada e diligente, além de uma correta comunicação para o mercado.

E para isso os sistemas de administração e monitoramento de riscos não podem ser um peso ou uma mala de exigências que não são entendidas ou que são divorciadas da realidade do dia a dia. Só assim poderemos mitigar o risco de outra crise sistêmica, devido a algo que podemos nem sequer ter consciência no presente. A adoção de processos de monitoramento de risco inteligentes, focados na materialidade, fáceis de serem entendidos, executados e cobrados, e que realmente protegem o crescimento saudável dos negócios, deve ser percebida pelos diversos participantes do mercado não como um custo, mas como um investimento prioritário.

O terceiro ponto vem quando reflito sobre as mudanças que ocorreram nas práticas e normas contábeis nos últimos anos em razão da ADOÇÃO DO IFRS. Precisamos nos assegurar que o exercício dessas práticas contábeis esteja sendo feito da maneira correta, refletindo claramente a realidade do negócio!

A adoção do IFRS, uma linguagem contábil comum foi uma medida fundamental para o desenvolvimento e internacionalização do nosso mercado. Não podemos ignorar, contudo, que a mudança de padrão trouxe novos desafios. Ao privilegiar a substância sobre a forma, o IFRS requer um elevado nível de qualificação e discernimento dos aplicadores das normas. Esses novos desafios somente poderão ser adequadamente superados se todos os envolvidos estiverem comprometidos com a aplicação criteriosa e diligente das novas regras contábeis.

O **quarto ponto** se refere à EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DE FUNDOS nos últimos anos. A indústria está cada vez mais aumentando seu leque de produtos a fim de oferecer novas alternativas de investimentos aos poupadores. Por causa dessa diversidade e crescimento, temos que ter um aprimoramento na regulação desses novos produtos focando no nível de segurança adequado e informação aos investidores para promover o seu crescimento sustentável. No caso específico dos Fundos Imobiliários, por exemplo, sua pulverização é muito saudável. Mas isso implica em um contínuo aperfeiçoamento na qualidade da governança dos mesmos.

O **quinto e último ponto** é talvez o primeiro em ordem de importância, pois sem ele os outros quatro pontos fiquem esvaziados. Refiro-me à CAPACITAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO MERCADO DE CAPITAIS. É fundamental que haja atenção redobrada tanto da parte do regulador como de todos os agentes para

aumentar a capacitação de todos os participantes desse mercado. Iniciativas de educação e formação contínua tem que ser estimuladas, desenvolvidas e cobradas, pois sem elas não teremos um aumento gradual, contínuo e sólido de capacitação, que sustente a evolução para um mercado mais ágil, porém igualmente seguro. Assim, é com satisfação que anuncio, no dia de hoje, que a CVM está lançando seu novo portal de investidores. Esse é um indicador que também faremos a nossa parte nesse processo.

Precisamos continuar trabalhando para que cada um dos participantes do mercado tenha a noção exata das suas funções, dos seus direitos e das suas responsabilidades. E não poderia deixar de ressaltar aqui a importância do papel dos Diretores de Relações com Investidores e dos Conselheiros de Administração, independente de estarem em empresas com controlador ou com capital pulverizado, nesse processo. Eles são o meio para que a conscientização das boas práticas de governança seja aprimorada. Isso não tira a responsabilidade dos investidores de fazer uma diligência contínua, dialogar com as investidas, sejam empresas ou fundos e exercer de maneira responsável seus direitos de voto.

Por fim, precisamos continuar trabalhando no aperfeiçoamento da atividade de fiscalização e no fortalecimento da atuação sancionadora para que essas acompanhem a evolução esperada do nosso mercado. Muito já foi feito nesse sentido, como o desenvolvimento de novos sistemas de monitoramento de mercado e a celebração de acordos de cooperação com Ministério Público, Polícia Federal e com as entidades autorreguladoras. Mas precisamos continuar avançando.

Esses cinco pontos refletem o momento de um mercado que já andou um bom caminho em termos de governança, mas que precisa continuar a evoluir. Entendo que essas melhorias são do interesse de todos.

Precisamos ter debates em que todos sejam ouvidos, mas em que tenham princípio, meio e fim, resultando em decisões efetivas. Mesmo as decisões difíceis e que precisem evoluir depois. Asseguro, que da parte da CVM, seguimos abertos a ouvir, dialogar e debater para assim exercer melhor nossas funções de guardiões das boas práticas e da lei.

Meu compromisso é usar os meus trinta anos de experiência como gestor em mercados em estágios de evolução e com ambientes regulatórios diversos para continuar assegurando um posicionamento neutro, mas orientador e construtivo do regulador nesse processo de evolução.

Vou trabalhar para que tenhamos decisões equilibradas em termos de governança com o objetivo de fazer com que todos os tipos de investidor, controlador ou minoritário se sintam confortáveis e estimulados a conviver em um mesmo ambiente. Devemos continuar a não privilegiar essa ou aquela posição. Temos que privilegiar o que é certo. Temos que seguir a lei. Regras claras, dentro da lei, objetivas e bem comunicadas são necessárias para essa convivência e devem ser respeitadas.

Para fazer o certo é importante ter e manter o equilíbrio, o que não é tarefa fácil. Mas temos que perseguir esse equilíbrio de forma incansável. Temos que ser um pêndulo que tenha uma amplitude pequena para que mais vezes o ponto de equilíbrio seja atingido.

Esse trabalho de equilíbrio, sempre baseado na lei e que deve levar a um bom senso nas decisões que permitam a evolução contínua da governança não tem fim. Há muitos anos atrás, eu falava sobre esse tema com uma pessoa que respeito muito e ela me dizia que governança é uma jornada. E isso é verdade.

Durante a construção da capela sistina no início do século 16, o Papa Julio II perguntou impaciente a Michaelangelo quando ele acabaria sua obra. No caso da construção de uma governança sólida, essa pergunta nem cabe, pois a construção da mesma nunca vai acabar. Ela só será aprimorada e o que temos a fazer nessa casa e zelar por essa jornada e assegurar que a jornada seja feita de forma ininterrupta.

Sei que o desafio não é pequeno. Mas como disse Ben Gurion: "o difícil, fazemos agora. O impossivel leva um pouco mais de tempo!" Vou me inspirar nos meus antecessores, muito bem representados aqui hoje, para poder fazer isso com tranquilidade e serenidade.

Vamos zelar pelo mercado de capitais brasileiro para que ele possa continuar a crescer, evoluindo de forma segura e sendo um instrumento relevante no desenvolvimento do país.

Nessa jornada, contarei com um grupo técnico que já testemunhei pessoalmente e é extremante engajado, além de um colegiado composto por pessoas com características complementares, que tem trabalhado em conjunto para tomar decisões técnicas e equilibradas, honrando a tradição da CVM de exercer, de forma balanceada, suas funções de regulador e orientador.

Gostaria em especial de agradecer, em nome da CVM, à Maria Helena que infelizmente não pode estar aqui hoje. Ela exerceu suas funções com firmeza e neutralidade, deixando uma cadeira muito grande para ser preenchida, o que aumenta muito o meu desafio. E também agradecer ao Otavio que foi de uma elegância ímpar nesse período de interinidade e a quem agora tenho a honra de ter como colega.

E para finalizar, quero agradecer aos meus três filhos pelo apoio que me deram nessa decisão e à Livia, minha companheira nessa trajetória, que sempre me trouxe um equilíbrio indiscutível com sua atitude extremamente simples em relação à vida, e me apoiou sempre nas decisões fundamentais que tive que tomar

Muito obrigado!